

Santa-Rita Pintor e Pessoa

Santa Rita Pintor em defesa de Pessoa, num documento inédito que explica o estreitamento de laços verificados entre o futurista e os homens do «Orpheu».

Nuno Júdice

O período que corresponde à publicação dos dois números únicos da revista «Orpheu», compreendido entre fim de Março e fim de Julho de 1915, está recheado de acontecimentos e polémicas de que apenas uma pequena parte — e a menos interessante, de resto — se encontra acessível, em complemento à edição das cartas de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, ou integrada na «Vida e Obra de Fernando Pessoa» de João Gaspar Simões. Tendo recolhido todo esse material para publicação próxima, dele escolhi um documento inédito que me parece documentar significativamente as relações que entre si mantinham os homens do Modernismo. Trata-se de uma carta de Santa Rita Pintor, publicada no jornal «A Nação», de 25 de Abril de 1915, na sequência de um incidente conhecido e que rapidamente resumo:

Fernando Pessoa entrara no quadro de colaboradores de «O Jornal», diário dirigido por Boavida Portugal, publicando uma série de crónicas de opinião. Em 21 de Abril o assunto escolhido por Pessoa é a inauguração de uma «Associação de Classe dos Monárquicos», que ele toma como pretexto para atacar ferozmente o jornalista do órgão monárquico «A Nação» que, dias antes, ridicularizara não menos ferozmente a estética de «Orpheu 1»: «Assim, o facto de o Sr. Crispim, da Nação, nunca ter graça, não lhe deve ser levado a mal. Ele não



Santa-Rita Pintor, futurista e monárquico

a tem naturalmente. Também ninguém nasce chauffeur ou bailarino russo.»

É de crer que os monárquicos, com quem o director de «O Jornal» simpatizava, tenham protestado violentamente contra este artigo. A pressão terá sido tão forte que forçou Boavida Portugal a enviar uma carta à «Nação» comunicando o despedimento do irreverente colaborador: «Devido à falta de compreensão do que seja uma folha independente, demonstrada nas frases grosseiras do sr. Fernando Pessoa, ontem por lapso aqui publicadas, deixou este senhor de fazer parte da colaboração d'O Jornal.»

É então que surge a carta de Santa Rita, futurista e monárquico, única voz a tomar publicamente a defesa do poeta:

«Sr. Director d'A Nação

A propósito do incidente que se levantou em volta da nota, relativa ao sr. Fernando Pessoa, publicada em um jornal da manhã do dia 22, julgo conveniente declarar que, conquanto monárquico apaixonado, nenhuma hesitação tive em me solidarizar com os amigos do sr. Fernando Pessoa — entre os quais figuravam, por exemplo, os srs. Mário de Sá-Carneiro, D. Tomás de Almeida e Luiz de Montalvor, tão monárquicos como eu — na atitude que tomaram perante o director do mesmo jornal: isto apenas em vista do meu interesse pela individualidade literária do senhor Fernando Pessoa, o grande artista do *Orpheu*, de quem sou amigo particular, sabendo por isso que, sempre que tem tratado de questões políticas, o tem feito sob um ponto de vista especialmente artístico.

A razão por que me apresso a prestar estes esclarecimentos à imprensa monárquica, é para evitar que, por má-fé, se conclua da minha prontidão em me solidarizar com os amigos do senhor Fernando Pessoa, que concordo com as ideias expendidas na sua crónica, onde são aparentemente visadas pessoas da minha maior consideração.

Empenhado pela publicação desta carta, sou, com todo o respeito,

Lisboa, 24 de Abril de 1915
De V. etc.
Santa Rita Pintor»

Sem dúvida, este episódio terá estreitado os laços já existentes entre o solitário futurista e os homens do «Orpheu». Assim, o Santa Rita que Mário de Sá-Carneiro tanto critica pelas suas atitudes estéticas nas cartas que envia de Paris a Fernando Pessoa, verá o seu nome em

lugar de destaque no «Orpheu 2», que publicará quatro reproduções de quadros seus e anuncia a conferência — que não terá chegado a ser efectuada — «A Torre Eiffel e o Génio do Futurismo» por Santa Rita Pintor.

Dados biográficos/3

1918

Morre em Abril Santa-Rita Pintor e a sua obra é queimada segundo a sua última vontade.

Os três sócios, Pessoa, Ferreira Gomes e Coelho de Jesus, trespassam o escritório de representações.

Pessoa publica em duas «plaquettes» do autor (com a indicação editorial «Monteiro & Co.»), os poemas ingleses *Antinous* e *35 Sonnets* que em Setembro são objecto da atenção da crítica britânica do «Times» e no «Glasgow Herald».

Em Outubro morre Amadeo de Souza-Cardoso, vítima da epidemia da gripe espanhola. Em Dezembro é assassinado em Lisboa Sidónio Pais. Abre-se em Portugal uma profunda crise política.

Pessoa mora na Rua Sto. António dos Capuchos.

1919

Escreve os *Poemas Inconjuntos* de Alberto Caeiro, com a data fictícia de 1913-1914, por coerência diacrónica com a biografia do heterónimo, morto em 1915.

Falece em Pretória (5 de Outubro) seu padasto, o cônsul João Miguel Rosa. Pessoa, que agora mora na Avenida Gomes Pereira, em Benfica, dedica-se à ensaística política. Publica *Como Organizar Portugal* e *A Opinião Pública* em «Acção», órgão do Núcleo de Acção Nacional.

1920

Publica na revista inglesa «The Athenaeum» o poema *Meantime*, e em «Ressurreição» o soneto *Abdicação*. Conhece no escritório «Félix, Freitas e Valladas» Ophélia Queiroz com a qual estabelece uma relação sentimental (Março).

Sua mãe e seus irmãos regressam a Portugal. Vai viver com eles numa casa da Rua Coelho da Rocha. Participa frequentemente, com o nome de A. A. Crosse, nos concursos charadísticos do «Times». Escreve uma série de epítáfios em inglês.

Em Outubro atravessa uma grande depressão psíquica e pensa internar-se numa casa de saúde. Em Novembro interrompe a relação com Ophélia.

1921

Funda a Editora «Olisipo» onde publica os seus *English Poems I e II* e *English Poems III* e *A Invenção do Dia Claro* de Almada Negreiros.

António Sérgio, Raul Proença, Aquilino Ribeiro e Jaime Cortesão fundam em Lisboa a revista «Seara Nova».

1922

Colabora com assiduidade na revista «Contemporânea», fundada por José Pacheco. No primeiro número (Maio) sai a novela *O Banqueiro Anarquista*; no terceiro (Setembro) António Botto e o *Ideal Estético em Portugal*. Este artigo provoca uma polémica resposta de Álvaro Maia no número quatro (Novembro) intitulada *Literatura de Sodoma*.

A Editora Olisipo publica a 2.ª edição das *Canções* de António Botto.

1923

A Editora Olisipo publica o folheto *Sodoma Divinizada*, assinado Henoch (Raul Leal) que é alvo do ataque morigerador da Liga dos Estudantes de Lisboa. O folheto é apreendido por ordem do governador civil e a mesma sorte cabe às *Canções* de António Botto. Álvaro de Campos publica em defesa dos amigos os opúsculos *Sobre um Manifesto de Estudantes* e *Aviso por Causa da Moral*.

Continua a sua colaboração na «Contemporânea» onde publica, entre outros textos, as *Trois Chansons Mortes* (n.º 7 e *Lisbon Revisited*, 1923 de Campos (n.º 8).

Em 17 de Julho assina o protesto de intelectuais portugueses (entre outros: Raul Brandão, António Sérgio, Aquilino Ribe-



ro, Luís de Montalvor, Jaime Cortesão) contra a proibição censória de Mar Alto de António Ferro.

António Botto publica *Motivos de Beleza* com uma nota de Pessoa.

1924

Falece o general Henrique Rosa.

Sai em Outubro o primeiro número da revista mensal «Athena», que Pessoa dirige com o pintor Ruy Vaz, e onde Campos publica, no número de Dezembro, os *Apontamentos para uma estética não aristotélica*.

1925

Com o número de Fevereiro, «Athena» cessa a sua publicação.

No dia 17 de Março falece em Lisboa a mãe do Poeta.

Mário Saa publica o volume *A Invasão dos Judeus*, onde Pessoa é uma das personagens analisadas pelo bizarro ensaísta.

1926

Sai em Janeiro o primeiro número da «Revista de Comércio e Contabilidade» que Pessoa dirige com seu cunhado, o coronel Francisco Caetano Dias, e onde Pessoa publica o artigo *A Essência do Comércio*.

A 28 de Maio verifica-se o golpe militar que põe fim à Primeira República e instaura a ditadura. Por coincidência neste mesmo dia o «Jornal do Comércio e das Colónias» publica uma resposta de Pessoa a um inquérito de natureza política.

Em Agosto Pessoa regista a patente de invenção de um «Anuário indicador sintético, por nomes e outras quaisquer classificações, consultável em qualquer língua».

Publica em «O Sol», n.º 1, a *Narração exacta e comovida do que é o Conto do Vigário*, e em «Contemporânea» (n.º 1, 3.ª série) o poema *O Menino de sua Mãe*.

1927

Sai em Março o primeiro número de «presença». No terceiro número da revista (Abril), José Régio reconhece em Pessoa o Mestre da nova geração.

Em Junho Pessoa inicia a sua colaboração em «presença» com o poema *Marinha*.

1928

António de Oliveira Salazar é nomeado ministro das Finanças.

Pessoa publica o panfleto *O Interregno. Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal* e o artigo *O Provincialismo Português* («Notícias Ilustrado» de 12 de Agosto).

Com José Pacheco, Mário Saa, António Botto e outros, Pessoa funda a «Solução Editora».

1929

Organiza com António Botto uma Antologia de Poetas Portugueses Modernos. Entretanto um motivo aparentemente fútil (uma fotografia oferecida a Carlos Queiroz) reacende a amizade sentimental com Ophélia.

Sai o primeiro estudo crítico sobre a poesia de Pessoa, da autoria de João Gaspar Simões.

1930

Pessoa recebe em Lisboa a visita do famoso mago inglês Aleister Crowley, que depois desaparece em circunstâncias misteriosas na «Boca do Inferno», em Cascais. Sobre o episódio Pessoa é entrevistado no «Notícias Ilustrado» de Outubro.

Intenso período de criação heteronímica.

